

Jornal do Centro Cultural Boqueirão

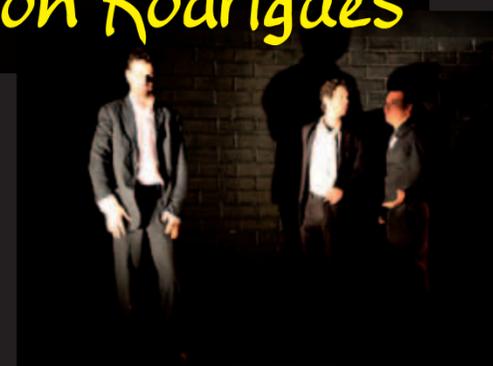
Outubro/Novembro de 2012 - Distribuição gratuita

Apresenta:



A Falecida

de Nelson Rodrigues



Ponto de Cultura
Nossa Arte de Cada Dia



Ministério
da Cultura



EDITORIAL

Cem anos e muita coisa para contar



“O artista tem que ser gênio para alguns e imbecil para outros. Se puder ser imbecil para todos, melhor ainda.”.

Nelson Rodrigues- Escritor e Dramaturgo.

Se ainda estivesse vivo, Nelson Rodrigues estaria completando 100 anos. Impossível esquecer um dos maiores, se não o maior dramaturgo brasileiro, que durante muito tempo prendeu a atenção de todos os brasileiros com seus contos, suas peças teatrais e seus comentários sobre os jogos de futebol.

Mas uma pergunta nos instiga; por que até hoje os textos de Nelson Rodrigues parecem tão atuais? Qual o interesse de espectadores em suas peças ou nas suas crônicas? Boa parte desse material foi produzido entre as décadas de 40 e 70, ou seja, antigo e oriundo de uma sociedade com padrões bem diferentes do que podemos ver hoje. A resposta é uma só; Nelson Rodrigues tratava do cotidiano, de temas que nunca deixaram de ser retratados em jornais, livros ou revistas.

Sua observação aos assuntos que estampavam as páginas de jornal, viriam a se tornar temas de se boa parte de seu acervo. O que encanta em Nelson é a sua percepção do mundo além de seu tempo e desperta em nós, leitores e espectadores, a curiosidade de saber um pouco mais sobre o comportamento das pessoas e sua maneira de agir.

Falar sobre Nelson Rodrigues é mostrar o mundo de ontem, hoje e amanhã. Mostrar seu trabalho e destacar sua contribuição para a literatura brasileira é um dever de todos que de alguma forma estão envolvidos com a arte e a cultura. Aproveite a homenagem que o Centro Cultural do Boqueirão presta à Nelson Rodrigues e conheça um pouco mais sobre esse grande brasileiro.

ARTIGO

Centenário de Nelson Rodrigues

A literatura brasileira é uma maravilha, Machado de Assis, Plínio Marcos, José de Alencar, Clarice Lispector, Jorge Amado e Nelson Rodrigues, são alguns entre centenas de autores que devem ter lugares garantidos nas bibliotecas e nos lares daqueles que prezam por uma boa leitura. Instigantes, fascinantes e absolutamente capazes de nos envolver em suas escritas, são verdadeiros patrimônios culturais.

O bairro do Boqueirão homenageia o centenário de Nelson Rodrigues, com duas produções, todas viabilizadas pela Lei do Incentivo a Cultura “A FALECIDA” e o “BEIJO NO ASFALTO” ganham uma produção caprichada e sobem a cena teatral com uma equipe de criadores insaciáveis pelas obras do dramaturgo. Do diretor ao contra regra, contamos com uma equipe premiadíssima no estado do Paraná, garantia de qualidade e respeito pelas obras do autor. Além disso dedicamos toda esta edição ao mestre Nelson Rodrigues, vamos conhecer um pouco mais deste gênio brasileiro, que escreveu para o teatro, para o cinema e para os jornais.

O bairro do Boqueirão pode se orgulhar desta homenagem, pois acredito que muitos vão ler pela primeira vez suas obras depois de assistirem nossos espetáculos. Vamos nos apaixonar pelas personagens, nos questionar e nos revelar como humanos livres para sentir, para errar, para amar. Viva Nelson Rodrigues, viva os incentivos a Cultura, viva meu bairro lindo que promove a literatura brasileira.

Márcio Roberto Gonçalves
Diretor / Presidente



EXPEDIENTE

Jornal do
CENTRO CULTURAL BOQUEIRÃO

Projeto gráfico e diagramação:
Willy Traebert

Imagens:
Divulgação

Tiragem: 10.000 exemplares

Direção e Produção:
Márcio Roberto Gonçalves
DRT - 11708

Contato:
(41) 3344-4291
contato@culturalboqueirao.com.br

Imagens da capa:
Fotos de arquivo

Este jornal é uma iniciativa da MR
Produções Artísticas e do Centro
Cultural Boqueirão.

OBRAS DE NELSON

Características das obras

O teatro entrou na vida de Nelson Rodrigues por acaso. Uma vez que se encontrava em dificuldades financeiras, achou no teatro uma possibilidade de sair da situação difícil em que estava. Assim, escreveu “A mulher sem pecado...”, sua primeira peça. Segundo algumas fontes, Nelson tinha o romance como gênero literário predileto, e suas peças seguiram essa predileção, pois as mesmas são como romances em forma de texto teatral. Nelson é um originalíssimo realista. Não é à toa que foi considerado um novo Eça. De fato, a prosa de Nelson era realista e, tal como os realistas do século XIX, ele criticou a sociedade e suas instituições, sobretudo o casamento.

Sendo esteticamente realista em pleno Modernismo, Nelson não deixou de inovar tal como fizeram os modernos. O autor transpôs a tragédia grega para o sociedade carioca do início do século XX, e dessa transposição surgiu a “tragédia carioca”, com as mesmas regras daquela, mas com um tom contemporâneo. O erotismo está muito presente na obra de Nelson Rodrigues, o que lhe garante o título de realista. Nelson não hesitou em denunciar a sordidez da sociedade tal como o fez Eça de Queirós em suas obras. Esse erotismo realista de Nelson teve sua gênese em obras do século XIX, como “O Primo Basílio”, e se desenvolveu grandemente na obra do autor pernambucano. Em síntese, Nelson foi um grande escritor, dramaturgo e cronista, e está imortalizado na literatura brasileira.

Teatro

Nelson Rodrigues escreveu dezessete peças teatrais. Sua edição completa abrange quatro volumes, divididos segundo critérios do crítico Sábito Magaldi, que agrupou as obras de acordo com suas características, dividindo-as em três grupos: Peças psicológicas, Peças míticas e Tragédias cariocas. Assim, as peças seguem o plano de publicação:

Estréias das peças (todas no Rio de Janeiro)

- A mulher sem pecado - 1941 - Direção: Rodolfo Mayer
- Vestido de noiva - 1943 - Direção: Zbigniew Ziemiński
- Álbum de família - 1946 - Direção: Kleber Santos
- Anjo negro - 1947 - Direção: Zbigniew Ziemiński
- Senhora dos Afogados - 1947 - Direção: Bibi Ferreira
- Doroteia - 1949 - Direção: Zbigniew Ziemiński
- Valsa nº 6 - 1951 - Direção: Milton Rodrigues
- A falecida - 1953 - Direção: José Maria Monteiro
- Perdoa-me por me traíres - 1957 - Direção: Léo Júsi
- Viúva, porém honesta - 1957 - Direção: Willy Keller
- Os sete gatinhos - 1958 - Direção: Willy Keller
- Boca de ouro - 1959 - Direção: José Renato
- O beijo no asfalto - 1960 - Direção: Fernando Torres
- Bonitinha, mas ordinária - 1962 - Direção: Martim Gonçalves
- Toda nudez será castigada - 1965 - Direção: Zbigniew Ziemiński
- Anti-Nelson Rodrigues - 1974 - Direção: Paulo César Pereio
- A serpente - 1978 - Direção: Marcos Flaksman

Romances

- Meu destino é pecar - 1944
- Escravas do amor - 1944
- Minha vida - 1944
- Nupcias de fogo - 1948
- A mulher que amou demais - 1949
- O homem proibido - 1959
- A mentira - 1953
- Asfalto Selvagem: Engraçadinha, Seus Pecados e Seus Amores - 1959
- O casamento - 1966

Contos

- Cem contos escolhidos - A vida como ela é... - 1972
- Elas gostam de apanhar - 1974
- A vida como ela é — O homem fiel e outros contos - 1992
- A dama do loteação e outros contos e crônicas - 1992
- A coroa de orquídeas - 1992

Crônicas

- Memórias de Nelson Rodrigues - 1967
- O óbvio ululante: primeiras confissões - 1968
- A cabra vadia - 1970
- O reacionário: memórias e confissões - 1977
- Fla-Flu...e as multidões despertaram - 1987
- O remador de Ben-Hur - 1992
- A cabra vadia - Novas confissões - 1992
- A pátria sem chuteiras - Novas Crônicas de Futebol - 1992
- A menina sem estrela - memórias - 1992
- À sombra das chuteiras imortais - Crônicas de Futebol - 1992
- A mulher do próximo - 1992
- Nelson Rodrigues, o Profeta Tricolor - 2002
- O Berro impresso nas Manchetas - 2007
- O quadrúpede de vinte e oito patas

FOLHA DO BOQUEIRÃO



APOIANDO A
CULTURA
REGIONAL

FOLHA DO BOQUEIRÃO
41 3278-4316

Por dentro de "A Falecida de Nelson Rodrigues"



Sinopse e Curiosidades

A Falecida conta a história de uma mulher frustrada do subúrbio carioca, a tuberculosa Zulmira, que não vê mais expectativas na vida. Pobre e doente, sua única ambição é um enterro luxuoso. Quer se vingar da sociedade abastada e, principalmente de Glorinha, sua prima e vizinha que não lhe cumprimenta mais. Zulmira tem uma relação de competição com a prima, chegando até mesmo a ficar feliz quando sabe que a seriedade da prima provém de um seio arrancado pelo câncer.

O marido, Tuninho, está desempregado e gasta as sobras da indenização jogando sinuca e discutindo futebol. Um pouco antes da hemiparálise fatal, Zulmira manda Tuninho procurar o milionário Pimentel para que pague o enterro de 35 mil contos (o sepultamento normal, na época, não chegava a um conto!). Zulmira não dá maiores explicações nem diz como conhece o empresário milionário. Pede apenas para que o marido se apresente como seu primo.

Tuninho vai até a mansão de Pimentel e acaba descobrindo que ele e Zulmira foram amantes. Toma-lhe o dinheiro e, depois de ameaçar contar tudo a um jornal inimigo de Pimentel, consegue lhe arrancar mais ainda, supostamente para a missa de sétimo dia. Tuninho dá um enterro "de cachorro" à Zulmira e aposta o dinheiro todo num jogo do Vasco no Maracanã.

"Como definir A Falecida? Tragédia, drama, farsa, comédia? Valeria a pena criar o gênero arbitrário de 'tragédia carioca'?"

Atrás dos palcos...

A Falecida, 1ª tragédia carioca, foi considerada um marco na obra de Nelson Rodrigues. Pela primeira vez o autor aproveitou sua experiência na coluna de contos A vida como ela é... para retratar o típico subúrbio carioca, com suas gírias e discussões existenciais. Os cenários passaram do "qualquer lugar, qualquer tempo" das peças míticas, para a Zona Norte carioca dos anos 50. Os personagens não representam mais arquétipos nem revelam alguma parte escusa da alma dos brasileiros. O que Nelson Rodrigues mostra agora é o cotidiano vulgar dos brasileiros. A falta de dinheiro, as doenças, o dedo no nariz das crianças, as pernas cabeludas de uma mulher, as cartomantes picaretas e o lado mais grosseiro da vida serão presenças constantes em suas peças daqui para frente. A linguagem coloquial e repleta de gírias assustou a plateia do Municipal, afinal ninguém imaginaria colocar longos vestidos de veludo para assistir a uma peça onde o protagonista fala sobre futebol.

Escrita em 26 dias, A Falecida foi encenada pela Companhia Dramática Nacional e recebeu direção do quase estreado José Maria Monteiro. Nos bastidores, Nelson Rodrigues apaixonou-se perdidamente por Sônia Oiticica, intérprete da protagonista feminina Zulmira. Apesar de se sentir lisonjeada com os galanteios do famoso dramaturgo, Sônia não lhe deu bola e, educadamente, deu a entender que era muito bem casada. A delicadeza, entretanto, não conseguiu evitar que o coração do dramaturgo se partisse pela primeira vez depois do fim do casamento com Elsa.

Nelson Rodrigues, no programa original da peça

A Falecida revolucionou o teatro brasileiro da época ao abordar uma temática extremamente carioca. Foi a primeira de muitas peças onde Nelson Rodrigues colocou suburbanos frustrados e fracassados como protagonistas. Suas tragédias cariocas são mais simples que suas peças míticas, não há tantos símbolos e poesia. Em contrapartida, foi graças a elas que o brasileiro pôde se reconhecer no palco. O sucesso comercial foi muito grande e essas foram as peças mais assistidas de Nelson Rodrigues. Para retratar fielmente o suburbano e sofrido carioca, Nelson Rodrigues trocou a poesia e as metáforas pela linguagem coloquial. Os personagens conversam sobre temas triviais, comentam assuntos populares e usam muitas gírias. O autor foi muito feliz na escolha delas, já que a grande maioria transfere o leitor contemporâneo diretamente para a década de 50. Com faro para descartar modismos, Nelson Rodrigues usou em A Falecida expressões como "a polícia não é sopa", "pintar o sete", "pernas de pau", "descascando a lenha", "cabeça inchada", "é batata!", etc. Tem espaço até mesmo para as abreviações da linguagem falada, como "té logo!", e estrangeirismos, como "all right" e "bye, bye".

A ironia e o deboche são as características mais marcantes em A Falecida. A visão do autor é extremamente pessimista, como se no final tudo sempre estivesse predestinado a dar errado. A cartomante consultada por Zulmira numa das primeiras cenas perde o sotaque afrancesado assim que recebe o dinheiro. O filho da cartomante passa toda a consulta com o dedo no nariz, plantado ao lado da mãe. O médico, cujo nome é Borborema, diz que Zulmira não tem tuberculose, é apenas uma gripe. Aliás, nenhum médico consultado pela protagonista lhe deu o diagnóstico certo. Determinada hora, Tuninho é mandado embora do jogo de sinuca por uma dor de barriga violenta. Assim que chega em casa, corre para o banheiro, mas está ocupado por Zulmira. Uma cena antológica acontece quando Tuninho consegue sentar no vaso e, com a mão no queixo, simula a atitude de O Pensador, escultura de Rodin.

Fonte: Blog Literatura Brasileira Contemporânea



Equipe Técnica

Paulinho Maia – diretor
Paulinho Maia – figurinista
Marcio Roberto – diretor de produção
Chico Nogueira – Sonoplasta
Rodrigo Ziolkowski - Iluminador
Luiz Henrique – Assistente de Produção
Jorny Wall – Operador de Luz
Nei Mendes – Operador de Som

Elenco

Mariana Zanette
ZUMIRA E DONA DETINHA
Anidria Stadler
MADAME CRISÁLIDA – DONA FULANA – DONA CECI
Wellington
TIMBIRA
Marvhem
OROMAR – FUNCIONARIO – PAI - MORDOMO
Jeff Bastos
AMIGO – CHOFER – CUNHADO – FUNCIONARIO DA FUNERARIA
Erick Alessandro
AMIGO – CUNHADO – DR. BORBOREMA – PIMENTEL
Andrew Knoll
TUNINHO



Há mais de 19 anos produzindo as melhores literaturas do Brasil com a máxima qualidade!



(41) 3344 - 4291 - mrteatro@hotmail.com



Strobeleto

Desde 1946, ajudando a construir um mundo com qualidade, sempre distribuindo as melhores marcas do mercado.



Av. Marechal Floriano Peixoto, 9169 - Boqueirão - Curitiba, Paraná
Tel: (41) 3039-8089 - Home Page: www.strobeleto.com.br

Consulte-nos!!!

A VIDA COMO ELA É

Nelson Rodrigues e a ditadura

Um dos maiores dramas vividos por Nelson Rodrigues tem relação com a ditadura militar. Durante muitos anos, o escritor e dramaturgo brasileiro apoiou, de forma pública, a ditadura brasileira.

A surpresa é que seu filho Nelson Rodrigues Filho estava do outro lado, sendo membro ativo na luta armada contra o regime. Apesar das divergências pais e filho nunca deixaram de se falar e o filho nunca deixou de respeitar e admirar o pai. Prova disso, é que no ano do centésimo aniversário do pai, Nelsinho, como é mais conhecido, não polpa elogios ao trabalho e a história de Nelson Rodrigues.

Então, como pode o filho de um apoiante da ditadura pegar em armas, pagar isso com duras penas e não o cobrar ao pai? Como pode esse pai ser um apoiante da ditadura, por quanto tempo, com que limites? As respostas começam em 1964 — o ano em que os militares tomaram o poder, Nelsinho entrou para a faculdade e o pai, pela primeira vez, não viveu com ele — mas rapidamente voltam atrás, como nas peças de Nelson Rodrigues. O escritor tinha deixado a esposa, Elza, para viver com outra mulher. O fato não afastou pais e filho, que continuavam con-

versando com frequência.

O que fez então com que este homem apoiasse o golpe militar de 64? Em recente entrevista, Nelsinho conta sobre essa fase de sua vida. “Era acirradamente anti-comunista. Um dia perguntou a um amigo no jornal: ‘Se o partido mandar você me matar, você mata?’ O amigo disse: ‘Mato.’ Ele pegou um horror do comunismo.” Nesse tempo, lembra Nelsinho, o mundo estava dividido entre a influência dos EUA e a influência da URSS. E no começo, “um monte de gente ficou a favor do golpe”. Os militares disseram que iam fazer eleições. Depois é que começaram as marchas de protesto, contemporâneas da guerra do Vietnã.

Nelsinho começou a entrar nos protestos contra o regime, em 1968 formou-se e em 1969 viajou com a turma. “A gente ficou seis meses na Europa. Estivemos na União Soviética e na Checoslováquia, onde havia uma mágoa grande [com a invasão]. O



Otto [Lara Resende, grande amigo de Nelson Rodrigues] era o adido brasileiro em Portugal, e estávamos lá quando soubermos do sequestro do embaixador americano no Brasil.” A ação mais espetacular da luta armada contra a ditadura. “Quando voltei a repressão estava mais violenta. Eu já tinha saído daqui revoltadíssimo. Aí, disse: tem dois lados no Brasil e eu estou do lado de cá.” O do combate. E

do outro lado, o pai. “Às vezes ele escrevia de uma forma mais ácida e eu discutia com ele de forma mais ácida.”

O diálogo nunca parou. Quando o filho foi para o MR-8 — um dos grupos que sequestrara o embaixador —, Nelson pediu ao seu grande amigo Hélio Pellegrino que falasse com Nelsinho. Vivía na clandestinidade, mas chegou a ligar ao pai de telefones públicos por causa de alguma crônica.

A prisão começou com “três dias de barra pesada de tortura”, resume Nelsinho, sem detalhes. Não há nele nada de vítima. Mas quando a repórter pergunta, responde diretamente: “Choques elétricos nas zonas genitais, afogamentos, espancamentos.” “Me perguntou: ‘Você foi torturado?’ Eu disse: ‘Barbaramente. Aí caiu a ficha. A partir do momento em que soube, não deixou de escrever a favor da ditadura, não podia ‘chutar o balde’, até para me proteger, mas mudou em ênfase.”

Isso deu frutos. “Ao fim de dois anos consegui que eu saísse do Brasil: eles me botavam num avião. Mas eu disse que não.” Nelsinho saiu da cadeia em 1979, ano da anistia.

Nelson Rodrigues: Você conhece sua história?

Ao longo de sua vida, Nelson Rodrigues deixou inúmeras histórias marcantes. Grande parte das pessoas conhece suas obras e seus livros, mas poucos sabem de sua trajetória. Leia tudo sobre a biografia do nosso maior dramaturgo brasileiro.

Infância

Nascido na capital de Pernambuco e quinto de quatorze irmãos, Nelson Rodrigues mudou-se para o Rio de Janeiro ainda criança, onde viveria por toda sua vida. Seu pai, o ex-deputado federal e jornalista Mário Rodrigues, perseguido politicamente, resolveu estabelecer-se na então capital federal em julho de 1916, empregando-se no jornal Correio da Manhã, de propriedade de Edmundo Bittencourt.

Segundo o próprio Nelson em suas Memórias, seu grande laboratório e inspiração foi a infância vivida na Zona Norte da cidade. Dos anos passados numa casa simples na rua Alegre, 135 (atual rua Almirante João Cândido Brasil), no bairro de Aldeia Campista, saíram para suas crônicas e peças teatrais as situações provocadas pela moral vigente na classe média dos primeiros anos do século XX e suas tensões morais e materiais. Sua infância foi marcada por este clima e pela personalidade do garoto Nelson. Retraído, era um leitor compulsivo de livros românticos do século XIX. Nesta época ocorreu também para Nelson a descoberta do futebol, uma paixão que conservaria por toda a vida e que lhe marcaria o estilo literário.

Na década de 1920, Mário Rodrigues fundou o jornal A Manhã, após romper com Edmundo Bittencourt. Seria no jornal do pai que Nelson começaria sua carreira jornalística, na seção de polícia, com apenas treze anos de idade. Os relatos de crimes passionais e pactos de morte entre casais apaixonados incendiavam a imaginação do adolescente romântico, que utilizaria muitas das histórias reais que cobria em suas crônicas futuras. Neste período a família Rodrigues conseguiria atingir uma situação financeira confortável, mudando-se para o bairro de Copacabana então um arrabalde luxuoso da orla carioca.

Apesar da bonança, Mário Rodrigues perderia o controle acionário de A Manhã para o sócio. Mas, em 1928, com o providencial auxílio financeiro do vice-presidente Fernando de Melo Viana, Mário fundou o diário Crítica.

Como cronista esportivo, Nelson escreveu textos antológicos sobre o Fluminense Football Club, clube para o qual torcia fervorosamente. A maioria dos textos eram publicados no Jornal dos Sports. Junto com seu irmão, o jornalista Mário Filho, Nelson foi fundamental para que os Fla-Flu tivessem conquistado o prestígio que conquistaram e se tornassem grandes clássicos do futebol brasileiro. Nelson Rodrigues criou e evocava personagens fictícios como Gravatinha e Sobrenatural de Almeida para elaborar textos a respeito dos acontecimentos esportivos relacionados ao clube do coração.

Adolescência e juventude

Nelson seguiu os seus irmãos Milton, Mário Filho e Roberto integrando a redação do novo jornal. Ali continuou a escrever na página de polícia, enquanto Mário Filho cuidava dos esportes e Roberto, um talentoso desenhista, fazia as ilustrações. Crítica era um sucesso de vendas, misturando uma cobertura política apaixonada com o relato sensacionalista de crimes. Mas o jornal existiria por pouco tempo. Em 26 de dezembro de 1929, a primeira página de Crítica trouxe o relato da separação do casal Sylvia Serafim e João Thibau Jr. Ilustrada



Rua William Booth, 2288
Boqueirão - Curitiba - Paraná

GUERCHESKI

Industria & Comercio Ltda
Desde 1979

Telefone
(41) 3202-5855

Fabricando com Qualidade!



por Roberto e assinada pelo repórter Orestes Barbosa, a matéria provocou uma tragédia. Sylvia, a esposa que se desquitara do marido e cujo nome fora exposto na reportagem invadiu a redação de Crítica e atirou em Roberto com uma arma comprada naquele dia. Nelson testemunhou o crime e a agonia do irmão, que morreu dias depois. Mário Rodrigues, deprimido com a perda do filho, faleceu poucos meses depois. Sylvia, apoiada pelas sufragistas e por boa parte da imprensa concorrente de Crítica, foi absolvida do crime. Finalmente, durante a Revolução de 30, a gráfica e a redação de Crítica são empasteladas e o jornal deixa de existir. Sem seu chefe e sem fonte de sustento, a família Rodrigues mergulha em decadência financeira.

Foram anos de fome e dificuldades para todos. Pouco afinados com o novo regime, os Rodrigues demorariam anos para se recuperarem dos prejuízos causados pela tuberculose.

Ajudado por Mário Filho, amigo de Roberto Marinho, Nelson passa a trabalhar no jornal O Globo, sem salário. Apenas em 1932 é que Nelson seria efetivado como repórter no jornal. Pouco tempo depois, Nelson descobriu-se tuberculoso. Para tratar-se, retira-se do Rio de Janeiro e passa longas temporadas em um sanatório na cidade de Campos do Jordão. Seu tratamento é custeado por Marinho, que conquistou a gratidão de Nelson pelo resto de sua vida. Recuperado, Nelson volta ao Rio e assume a seção cultural de O Globo, fazendo a crítica de ópera. No O Globo, foi editor do suplemento O Globo Juvenil, além de editar Nelson reterizou algumas histórias em quadrinhos para o suplemento, dentre elas uma versão de O fantasma de Canterville de Oscar Wilde. Em 1940 casou-se com Elza Bretanha, sua colega de redação.

A partir da década de 1940, Nelson dividiu-se entre o emprego em O Globo e a elaboração de peças teatrais. Em 1941 escreve A mulher sem pecado, que estreou sem sucesso. Pouco tempo depois assinou a revolucionária Vestido de noiva, peça dirigida por Zbigniew Ziemiński e que estreou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro com estrondoso sucesso.

O teatrólogo Nelson Rodrigues seria o criador de uma sintaxe toda particular e inédita nos palcos brasileiros. Suas personagens trouxeram para a ribalta expressões tipicamente cariocas e gírias da época, como “batata!” e “você é cacete, mesmo!”. Vestido de noiva é considerada até hoje como o marco inicial do moderno teatro brasileiro.

Maturidade

Em 1945 abandonou O Globo e passou a trabalhar nos Diários Associados. Em O Jornal, um dos veículos de propriedade de Assis Chateaubriand, começou a escrever seu primeiro folhetim, Meu destino é pecar, assinado pelo pseudônimo “Susana Flag”. O sucesso do folhetim alavancou as vendas de O Jornal e estimulou Nelson a escrever sua terceira peça, Álbum de família.

Em fevereiro de 1946, o texto da peça foi submetido à Censura Federal e proibido. Álbum de família só seria liberada em 1965. Em abril de 1948 estreou Anjo negro, peça que possibilitou a Nelson adquirir uma casa no bairro do Andaraí e em 1949 Nelson lançou Doroteia.

Em 1950 passou a trabalhar no jornal de Samuel Wainer, a Última Hora. No jornal, Nelson começou a escrever as crônicas de A vida como ela é, seu maior sucesso jornalístico. Na década seguinte, Nelson passou a trabalhar na recém-fundada TV Globo, participando da bancada da Grande Resenha Esportiva Facit, a primeira “mesa-redonda” sobre futebol da televisão brasileira e, em 1967, passou a publicar suas Memórias no mesmo jornal Correio da Manhã onde seu pai trabalhou cinquenta anos antes.

O fim

Nos anos 70, consagrado como jornalista e teatrólogo, a saúde de Nelson começa a decair, por causa de problemas gastroenterológicos e cardíacos de que era portador. O período coincide com os anos da ditadura militar, que Nelson sempre apoiou. Entretanto, seu filho Nelson Rodrigues Filho tornou-se guerrilheiro e passou para a clandestinidade. Nesse período também aconteceu o fim de seu casamento com Elza e o início do relacionamento com Lúcia Cruz Lima, com quem teria uma filha, Daniela, nascida com problemas mentais. Depois do término do relacionamento com Lúcia, Nelson ainda manteria um rápido casamento com sua secretária Helena Maria, antes de reatar seu casamento com Elza.

Nelson faleceu numa manhã de domingo, em 1980, aos 68 anos de idade, de complicações cardíacas e respiratórias. Foi enterrado no Cemitério São João Batista, em Botafogo. No fim da tarde daquele mesmo dia ele faria treze pontos na Loteria Esportiva, num “bolão” com seu irmão Augusto e alguns amigos de “O Globo”. Dois meses depois, Elza atendeu ao pedido do marido — de, ainda em vida, gravar o seu nome ao lado do dele na lápide de seu túmulo, sob a inscrição: “Unidos para além da vida e da morte. E é só”.

Características da obra

O teatro entrou na vida de Nelson Rodrigues por acaso. Uma vez que se encontrava em dificuldades financeiras, achou no teatro uma possibilidade de sair da situação difícil em que estava. Assim, escreveu “A mulher sem pecado...”, sua primeira peça. Segundo algumas fontes, Nelson tinha o romance como gênero literário predileto, e suas peças seguiram essa predileção, pois as mesmas são como romances em forma de texto teatral. Nelson é um originalíssimo realista. Não é à toa que foi considerado um novo Eça. De fato, a prosa de Nelson era realista e, tal como os realistas do século XIX, ele criticou a sociedade e suas instituições, sobretudo o casamento. Sendo esteticamente realista em pleno Modernismo, Nelson não deixou de inovar tal como fizeram os modernos. O autor transpôs a tragédia grega para o sociedade carioca do início do século XX, e dessa transposição surgiu a “tragédia carioca”, com as mesmas regras daquela, mas com um tom contemporâneo. O erotismo está muito presente na obra de Nelson Rodrigues, o que lhe garante o título de realista. Nelson não hesitou em denunciar a sordidez da sociedade tal como o fez Eça de Queirós em suas obras. Esse erotismo realista de Nelson teve sua gênese em obras do século XIX, como “O Primo Basílio”, e se desenvolveu grandemente na obra do autor pernambucano. Em síntese, Nelson foi um grande escritor, dramaturgo e cronista, e está imortalizado na literatura brasileira.

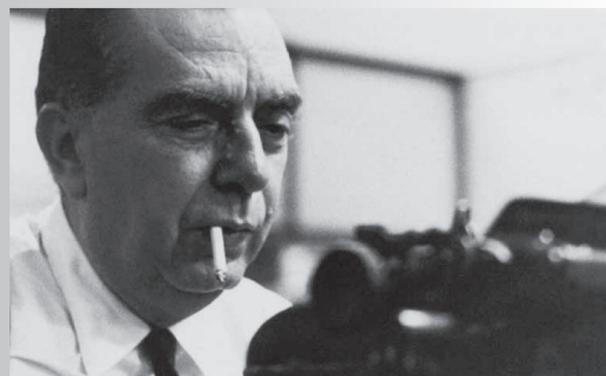
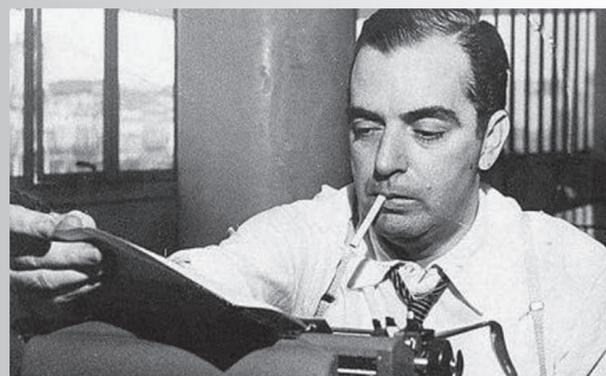
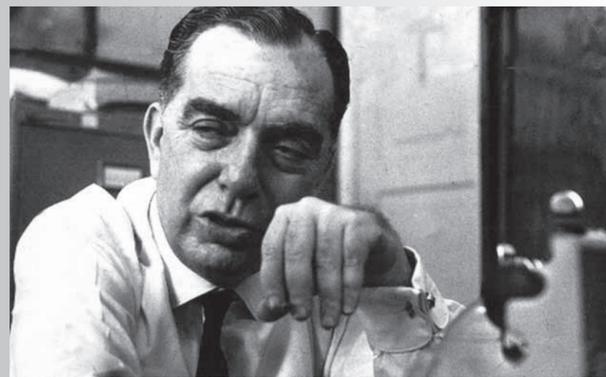
Futebol

Nelson Rodrigues era um cronista tão perfeito que nem precisava ver o jogo. O resultado da partida, as escaramuças dos jogadores, os esquemas táticos, todas essas bobagens não passavam de detalhes secundários aos olhos do gênio. A Nelson Rodrigues, importava a escalação do adjetivo certo na frase certa. Pouco interessava a distribuição de beques ou atacantes no retângulo verde. O relato dessas banalidades é tarefa que cabe aos “idiotas da objetividade” — estes pobres seres que só são capazes de enxergar a rala superfície dos fatos. A missão que Nelson Rodrigues outorgou a si mesmo era outra: traduzir em palavras a dimensão épica da maior paixão brasileira — o futebol. Para que, então, perder tempo com miudezas? Para que ouvir o narrador descrever o jogo na TV? Para que saber os nomes dos jogadores do Peru? Para que saber se o meio-de-campo do Brasil estava ou não estava inspirado? “Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola. A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana. Às vezes, num córner bem ou mal batido, há um toque evidéssimo do sobrenatural”, ele escreveu uma vez.

Teatro

Nelson Rodrigues escreveu dezessete peças teatrais. Sua edição completa abrange quatro volumes, divididos segundo critérios do crítico Sábio Magaldi, que agrupou as obras de acordo com suas características, dividindo-as em três grupos: Peças psicológicas, Peças míticas e Tragédias cariocas.

Fonte: Wikipédia



Brasil
ORDEM E PROGRESSO
Cama, Mesa e Banho
(41) 3286 - 9133
 Rua Bley Zorning, 1274 - CEP: 81730 - 350 - Boqueirão

Confira a versão online do Jornal CCB

Encena
 Boqueirão 2012
 Veja os destaques em
www.culturalboqueirao.com.br

Escola
VIVER
 R. Desembargador Antonio de Paula, 2.648
 BOQUEIRÃO - FONE: 3286-9220


CONTASUL
 Contabilidade e Consultoria
 Rua Januário Alves de Souza, 315 - Fones / Fax: (41) 3286-5510 - (41) 3286-3940
 Boqueirão - CEP 81.750-370 - Curitiba - Paraná

ESCOLA
OBJETIVA
 FONE: 3286-6300

Educação Infantil - Ensino Fundamental
Aqui o acolhimento faz toda a diferença!
 Ballet - Inglês - Judô
 Educação Física
 Acompanhamento Nutricional
 Laboratório de Informática

CHURRASCARIA
BRAZEIRO

Fone: 3286-4255


 TURBAY E REGAILO ESCRITÓRIO CONTÁBIL
 DIGITEMAS SERVIÇOS CONTÁBEIS LTDA
 Rua Marechal Deodoro, 252, conj. 1202, Centro
 Tel: 3014-7140


CELEPAR
 Tecnologia da Informação e Comunicação do Paraná
 www.celepar.pr.gov.br



A **Companhia de Tecnologia da Informação e Comunicação do Paraná**

.....

Celepar é a pioneira entre as empresas de governo na área de tecnologia da informação e comunicação no Brasil e, em 2011, se destacou como a mais eficiente no Sul do país no setor de Informática e Automação, segundo o ranking GRANDES & LÍDERES.

A caminho de completar 48 anos de fundação, a empresa está presente de forma direta em vários serviços públicos, como carteira de identidade, carteira nacional de habilitação, entre muitos outros. Na prática, a Celepar trabalha desenvolvendo soluções de inteligência e modernidade ao governo do Paraná, para que o cidadão seja cada dia melhor atendido.